



VOZ DA FÁTIMA

O Cinquentenário da Fátima aproxima-se do fim. Com a grande peregrinação do mês que vem, encerram-se oficialmente as comemorações de tão extraordinário acontecimento de há 50 anos. Contamos publicar no próximo número o programa da peregrinação.

Porém, a força e a actualidade da Mensagem da Fátima não podem passar. A emenda da vida de cada um de nós é o seu aspecto fundamental. A oração e a penitência são meios indicados por Nossa Senhora para o conseguir. Não iludamos as esperanças da Mãe do Céu.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLV — N.º 547
13 DE ABRIL DE 1968
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

PEREGRINAÇÃO MENSAL DE MARÇO

EFECTUARAM-SE com brilho e fervor as cerimónias da peregrinação mensal de Março em honra de Nossa Senhora da Fátima, presididas pelo Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria.

De salientar a presença da primeira grande peregrinação da Jugoslávia, composta por 80 peregrinos, na sua maior parte da Eslovânia, presidida por Mons. Joseph Pogaenik, arcebispo de Lubiana, da República da Bolávia, e da qual faziam parte 17 sacerdotes, dos quais 13 párocos, dois franciscanos e dois capuchinhos. Um dos peregrinos trajava à maneira nacional da Eslovânia.

Estes peregrinos que viajaram de avião de Lubiana, via Barcelona (onde visitaram o Santuário da Virgem de Montserrat) e Lisboa, chegaram no dia 12, à noite, ao Santuário, onde ouviram missa na Basílica, celebrada pelo seu Arcebispo, e tomaram parte na missa e bênção dos doentes e procissão com a imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Tomaram parte nas cerimónias muitas centenas de pescadores e trabalhadores da marinha mercante e suas famílias, dos centros piscatórios de Lisboa, Peniche, Nazaré, Aveiro, Murtosa, Buarcos e outras praias — peregrinação organizada pela Obra do Apostolado do Mar.

Os marítimos vieram à Fátima pedir a Nossa Senhora a sua protecção antes da largada para a pesca do bacalhau e para as suas fainas do mar. Entre eles alguns dirigentes da Obra e os Párocos das suas localidades.

A missa dos doentes foi celebrada pelo P.º Justino Magalhães, capelão do navio de apoio «Gil Eanes». Junto do altar, os pescadores de puseram remos, redes, bóias e outros aprestos marítimos.

Alinhados ao fundo da escadaria da Basílica, junto ao altar exterior onde se celebraram as cerimónias, assistiram mais de 100 servitas de Nossa Senhora da Fátima que haviam terminado o retiro que anualmente costumam fazer aqui. O retiro deste ano foi pregado pelo Rev. Frei Raimundo de Oliveira, da Ordem dos Dominicanos. Ao

terminar a última reunião, foram entregues pelo director da Pia União dos Servitas emblemas de ouro aos membros mais antigos, entre os quais o Dr. Pereira Gens, que desde 1926 dirige o Hospital do Santuário, bem como a Sr.ª D. Celeste Alvaizere que igualmente dirige a secção feminina há muitos anos.

Ao evangelho falou aos peregrinos o P.º Dâmaso Lamberts, recordando a necessidade de todos cumprirem a Mensagem que, há 50 anos, a Mãe de Deus lançou da Cova da Iria a todo o mundo.

Depois da missa, deu-se a bênção dos doentes, e o arcebispo jugoslavo dirigiu uma saudação em português a todos os peregrinos.

Peregrinos da Jugoslávia

Um grupo de peregrinos da Jugoslávia veio à Fátima no dia 13 para tomar parte em diversas cerimónias em honra de Nossa Senhora e que foram presididas por um Arcebispo deste País. Houve uma concelebração de 17 sacerdotes jugoslavos.

Na gravura, o Prelado jugoslavo fala aos peregrinos, tendo ao lado o Bispo Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão.



Exposição Internacional de Filatelia Mariana

Está a causar o maior entusiasmo entre os adeptos da filatelia a anunciada exposição filatélica de temática cristã e de assunto mariano a realizar no Santuário da Fátima, de 12 a 16 de Maio, integrada nas comemorações do cinquentenário.

Está em distribuição o regulamento e os boletins de inscrição.

Haverá medalhas comemorativas para todos os expositores, e vai ser distribuída uma placa em diversas línguas com a reprodução de selos de vários países.

A comissão executiva é constituída pelo Sr. Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, Mons. António Antunes Borges, reitor do Santuário, Dr. Carlos Trincão, Presidente da Federa-

ção Portuguesa de Filatelia, Artur Santa Bárbara, Presidente da União S. Gabriel de Filatelia Cristã, Dr. Rui Acácio da Silva Luz, Presidente da Comissão Regional de Turismo de Leiria, Mário von Stein, Chefe da Estação dos C. T. T. da Fátima. A comissão de admissão é formada pelos Srs. Eduardo de Brito, Coronel António Luís Tadeu, P.º João, do Seminário Monfortino, e Irmão Anacleto, do Seminário do Verbo Divino. O comissário geral da Exposição é o Senhor Francisco Pereira de Oliveira, Chefe da Secretaria do Santuário da Fátima.

Estão a chegar ao Comissariado da Exposição numerosas adesões.

Entre os insoritos figura o conhecido filatelista alemão P.º Clemens

Anheuser, fundador da Associação S. Gabriel, de filatelia cristã, na Alemanha.

Como se não trata duma exposição de competição, mas de divulgação da filatelia temática, espera-se que todos os filatelistas portugueses aproveitem esta oportunidade para dar a conhecer ao País e ao estrangeiro o interesse, cultura e valor da filatelia, e ainda o contributo para o cinquentenário das aparições da Fátima em cujas comemorações a exposição se integra.

Todos os esclarecimentos e pedidos de regulamento, fichas, etc., devem ser pedidos ao Comissário Geral da Exposição, Francisco Pereira de Oliveira, Fátima.

O Movimento por um Mundo Melhor

ORIGENS

Para uma melhor compreensão da actual situação do Movimento por um Mundo Melhor, temos de remontar à pregação do P.^o Ricardo Lombardi, S. J., começada em 1938.

O seu primeiro cargo na Companhia de Jesus (Província Romana) foi o de colaborar na Revista *Civiltà Cattolica*, dedicando-se, simultaneamente, a fazer conferências nas várias Universidades italianas sobre temas apologeticos ou de filosofia.

Foram estes os seus ministérios durante o período da segunda Guerra Mundial. Nos primeiros anos do pós-guerra, proferiu uma série de discursos nos teatros e nas praças de várias cidades da Itália.

A ressonância extraordinária desta pregação impressionou Pio XII que, imediatamente, quis ter, a respeito dela, informações directas do P.^o Lombardi. Tratava-se, em poucas palavras, de, depois de tanta ruína, convidar o mundo inteiro ao amor, à esperança, à responsabilidade.

O entusiasmo das multidões aumentava dia a dia e, correlativamente, crescia o interesse do Santo Padre, sobretudo quando a pregação transpôs as fronteiras da Itália e encontrou em várias nações da Europa e Américas uma aceitação semelhante.

Perante esta realidade, o Padre Lombardi adquiriu uma profunda e dupla convicção: 1) o mundo actual está extraordinariamente preparado para escutar a mensagem evangélica, simples e genuína, como solução para os gravíssimos problemas que o angustiam; 2) no entanto, para que esta mensagem possa apresentar-se com segurança ao Mundo, é indispensável uma renovação geral na Igreja — nos indivíduos e em muitas das suas estruturas. Pode dizer-se que, durante trinta anos, a acção do Padre Lombardi esteve circunscrita a estes dois polos. E eles devem ser considerados para se entender o movimento «por um Mundo Melhor».

PERÍODO DA FUNDAÇÃO (1952-1958)

Quando o Padre Lombardi se deu conta de que, sozinho, não poderia enfrentar a situação, procurou a ajuda de outros. Teve a impressão, desde o princípio, de que uma pregação deste género não podia ser tarefa dum único Instituto Religioso, pela amplitude dos objectivos com que se tinha começado e era desejo continuar a desenvolver. Tratava-se de chamar todos, dentro da Igreja, a uma renovação total, com o fim de a todos salvar — dentro e fora da Igreja.

Um mundo novo, um mundo «total» que importava melhorar sem um momento de descanso. Foi este o motivo por que, na hora de procurar um companheiro, com a permissão dos seus Superiores, escolheu um sacerdote secular que, até há pouco, foi seu incansável colaborador.

Desde aquele momento, o Grupo Promotor do Movimento começou a crescer pouco a pouco. O Santo Padre interessou-se directamente por ele, pedindo (com indicação do mesmo Padre Lombardi e com cartas da Secretaria de Estado), a diversos Bispos e Superiores Gerais os primeiros elementos sacerdotais e uma religiosa.

Era já claro que não se poderia manter uma permanência regular no grupo, mas que cada um pertenceria a ele, enquanto os seus Superiores o permitissem e pudesse realizar com eficácia a sua dedicadíssima missão. Em breve se juntariam também ao grupo os primeiros leigos bem como alguns consagrados em Institutos Seculares.

O estímulo que o Papa deu a estas iniciativas foi a famosa *Proclamação*, que ele próprio lançou em 10 de Fevereiro de 1952, dirigida aos romanos, animando-os a uma renovação total para

a construção de «um mundo melhor querido por Deus». O Santo Padre esperava que todas as dioceses do mundo seguissem o exemplo de Roma.

A conexão desta chamada com a actividade promovida pelo Padre Lombardi e seus colaboradores era evidente.

A partir deste documento pontifício tão animador, o Movimento expandiu-se pelo mundo, apesar de, pela sua própria natureza, não pretender formar nenhuma organização, e tomou o nome

O Método do Movimento

As «Exercitações por um Mundo Melhor» foram e continuam a ser o principal instrumento nas mãos do Movimento sem que isso exclua outras obras apostólicas de menor alcance para o mesmo fim, como sejam as conferências, as reuniões, os encontros, etc.

A característica principal das Exercitações é promover directamente a renovação ascética comunitária, isto é, afervorar o mais possível as pessoas sempre reunidas em grupo, de tal maneira que examinem, com intercâmbio de ideias, o próprio procedimento — que é comunitário. Por outras palavras, reformar a comunidade cristã, precisamente como comunidade. Diríamos que é o retiro do Povo de Deus — como tal. Reforma de todos e de cada um, tendo presente como claríssimo ponto de vista, tornar sempre melhor a nossa vida comunitária. A este retiro deu-se, em italiano, o nome de *Exercitações*; a expressão *por um Mundo Melhor* que se acrescentou, indica que a comunidade que se quer considerar, como critério da revisão, ou o bem-comum que se deseja promover, não são uma comunidade qualquer, nem um bem qualquer — mas pretende-se sempre considerar a comunidade universal, o bem universal, o Mundo.

Pelo que respeita ao seu fim, as Exercitações possuem, igualmente, um método característico. Os temas propostos à meditação ordenam-se em três tempos:

o primeiro demonstra a necessidade dum compromisso católico, essencialmente comunitário, para a salvação da humanidade e glória de Deus;

o segundo aprofunda, por meio do estudo em comum, a reforma pessoal necessária para esta grande empresa e aspira a que cada um a empreenda, decididamente, na sua própria vida; trata-se, em especial, de fomentar a caridade que é, em primeiro lugar, amor de Deus, mas que deve chegar à união dos irmãos uns com os outros, até à unidade consumada;

o terceiro tempo considera as revisões que se devem fazer no campo de acção de cada um, segundo uma série ascendente: família, comunidades cristãs e comunidade universal.

Mas a eficácia principal das instruções está na experiência da vida comunitária em Cristo, tal como ela se vive nos dias deste retiro.

Quando Pio XII morreu, já em várias partes do mundo se realizavam Exercitações de efeitos espirituais extraordinários, que tinham merecido do Santo Padre públicos louvores.

A vida espiritual — reduzida em muitos a um padrão meramente pessoal, a uma medida individual — assume, para aqueles que fazem Exercitações, uma nova dimensão. Depois dum Curso destes, tudo se deve reformar, inclusivamente a medida com que, dantes, aferíamos a virtude, passando cada um a considerar-se a si mesmo, dentro do conjunto da Igreja, em relação ao bem de todos.

de *Movimento por um Mundo Melhor*, da expressão usada pelo próprio Papa naquela mensagem. E o seu desenvolvimento chegou a tal ponto que o Santo Padre Pio XII quis oferecer uma casa para as suas actividades: surgiu assim o *Centro Internacional Pio XII por um Mundo Melhor*.

Foi construído pela Acção Católica Italiana, que o ofereceu ao Papa. Este, por sua vez, confiou-o ao Grupo Promotor do Movimento, inaugurando-o em 8 de Novembro de 1956.

Daqui resultam decisões heróicas para as almas que se atrevem a pensar nesta linha, à luz de Deus.

SEGUNDO PERÍODO (1958-1965)

Ao morrer Pio XII, em 1958, o Movimento tinha-se já estendido a muitas nações. Possuía 10 Centros e cerca de 30 Membros Promotores (sacerdotes, religiosos, religiosas, elementos de institutos seculares e alguns leigos).

A partir de então, o Movimento entra numa segunda fase: os Sumos Pontífices continuam a interessar-se pessoalmente por ele, mas mostram o desejo duma reestruturação que os insira dentro das formas canónicas já existentes, de forma a assegurar a sua estabilidade e continuidade. O Papa João XXIII nomeou para este estudo uma comissão de três Cardeais. Paulo VI confiou a um o mesmo encargo.

Durante este período de estudo, o Movimento continuava a estender-se a novas nações, a abrir Centros e a multiplicar as iniciativas. Quando João XXIII morreu, os Centros eram em número de 20 e os componentes do Grupo Promotor, 140.

A oportunidade do II Concílio Ecuménico do Vaticano pôs o Movimento em contacto com muitos outros Bispos de outros Continentes. Esta foi a principal ocupação do Centro de Roma, neste período: em retiros, orientados pessoalmente pelo Padre Lombardi para os Padres Conciliares, passaram, durante as quatro sessões do Concílio, uns 1.000 Bispos, isto é, mais de um terço da sua totalidade.

A benevolência de Sua Santidade Paulo VI para com este trabalho teve a sua mais bela manifestação na visita pessoal que fez ao Centro, em 11 de Setembro de 1965. No discurso pronunciado diante do altar da igreja do Centro Internacional, perante 1 Cardeal e 56 Bispos que estavam a fazer um Curso de Exercitações, disse, entre outras, estas palavras:

«... Fazemos votos pela difícil tarefa a que se dedica a obra «Por um Mundo Melhor». Quem tem experiência do mundo pergunta se isto não será uma ilusão, uma ironia, uma utopia. No entanto, toda a nossa adesão e fé em Cristo, o nosso amor à Igreja e aos homens, arrastam-nos a este optimismo, a esta tentativa que nunca será inútil, relativa ao termo da História presente deste mundo: desejo de melhorar, desejo do melhor. Devemos ter diante dos olhos o modelo que Cristo nos propôs: sermos de Deus e sermos perfeitos como o nosso Pai que está no Céu. E isto encoraja-nos e abate-nos um pouco segundo os nossos desejos e a nossa boa vontade. Coragem, coragem!»

Entretanto, S. S. Paulo VI manifestava sempre o desejo de que se encontrasse, no direito actual, uma fórmula jurídica que permitisse ao Mo-

vimento solidificar-se e desenvolver-se. Por fim, a solução que Ele próprio decidiu e que constitui, neste momento, a situação jurídica do Movimento, consistiu em confiá-lo ao Geral da Companhia de Jesus que o tomou, de certo modo, debaixo da sua responsabilidade pessoal, respeitando a sua natureza, fins, métodos e todo o seu trabalho.

PARA UMA NOVA ARRANCADA

A situação actual prevê a distinção entre membros promotores estáveis e membros ocasionais, podendo os estáveis seguir uma vida comunitária nos Centros do Movimento, enquanto os outros são chamados aos Centros para determinadas colaborações com permissão dos seus Superiores. Os membros estáveis podem ser sacerdotes, membros de Institutos Seculares e leigos; os membros ocasionais são religiosos e religiosas.

As normas actuais dão importância aos leigos no Grupo Promotor, conforme o espírito do Concílio Ecuménico, e constituem uma confirmação do que já há muito se fazia no Movimento.

Com esta estrutura, o Movimento continua a desenvolver-se cada vez mais, tendo começado, também já há um certo tempo, a sua actividade missionária, com Cursos de Exercitações pedidos pelos Bispos e países de missão, sobretudo como consequência dalguns contactos estabelecidos durante o Concílio.

É precisamente este momento conciliar que agora favorece mais o nosso desenvolvimento. Há uma providencial correspondência entre a linha das *Exercitações* e as *ideias fundamentais* que o Concílio quis promover na Igreja. Por isso, as Exercitações são agora recebidas com grande satisfação dos Bispos, para orientar e estimular a execução conciliar e os seus principais elementos.

O que se pretende obter não é, de forma alguma, uma organização nova. Os que se dedicam a promover o Movimento e os que aceitam o seu influxo não deixam de ser o que eram, no que se refere à sua posição jurídica: sacerdotes duma diocese, religiosos e religiosas dum determinado Instituto, membros da Acção Católica ou de qualquer outra associação, ou não filiados em nenhuma obra. Continuam sujeitos aos seus próprios Superiores, tal como dantes ou talvez mesmo mais. O seu ideal é servir humildemente este objectivo: animar tudo, na Igreja, com um sentido comunitário, em todos os sectores a que sejam chamados pelos Responsáveis, e até onde, com a graça de Deus, possam chegar.

O avanço da Igreja e das suas Instituições pode variar quanto à rapidez e intensidade, e a História demonstra-o. O Movimento por um Mundo Melhor deseja ser na Igreja o elemento propulsor dum ritmo já alcançado, construtivo dentro de certos limites, para um outro ritmo novo e melhor. Pode descrever-se como um espírito de renovado fervor, sobretudo de renovada caridade, que invade o campo católico, precisamente no seu aspecto comunitário; um querer fazer melhor, com mais intensidade, mais de acordo com o que já se realizava no Povo de Deus.

É um clima novo e mais favorável para uma nova vida comunitária.

Resumindo, o ideal do Movimento é promover constantemente o fervor comunitário em toda a Igreja, numa atitude humilde de serviço diante de toda a espécie de Superiores, em especial, dos Bispos. É um serviço verdadeiramente grande; fazem falta homens cheios do Espírito do Senhor, que o possam entender e, sobretudo, que o saibam viver e comunicar aos outros.

Aos Cruzados da Fátima, membros do Exército Azul e a todos os leitores, em geral, desejamos BOAS-FESTAS e as melhores bênçãos de Cristo Ressuscitado.

O Consolador de Jesus

OS três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta estavam na Loca do Cabeço a rezar de joelhos e com a cabeça no chão a oração que o Anjo lhes tinha ensinado naquele mesmo local na sua primeira visita: *Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.*

De repente, viram brilhar sobre eles uma luz desconhecida. Ergueram-se para verem o que se passava. E viram que se aproximava o Anjo, trazendo na mão esquerda um cálix. Por cima dele estava uma hóstia da qual escorriam gotas de sangue para dentro do cálix. O Anjo ajoelhou junto dos videntes, curvou com eles o rosto até ao chão e fez-lhes repetir três vezes o bellissimo acto de desagravo, que começa assim: *Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente...*

Depois levantou-se e tomou de novo o cálix na mão esquerda. Deu a hóstia em comunhão à Lúcia e o que continha o cálix deu-o a beber ao Francisco e à Jacinta, pronunciando estas impressionantes palavras:

— *Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.*

Estas últimas palavras — «*consolai o vosso Deus*» — enterneceram profundamente o coração tão bom e delicado do Francisco. Deus tão grande, Deus infinito vem pedir a esmola de consolação aos seus três pequeninos filhos. E o pastorinho ouviu este pedido. Consolar Nosso Senhor foi a paixão da sua alma.

«*Enquanto a Jacinta — escreve Lúcia — parecia preocupada com o único pensamento de converter pecadores e livrar as almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e a Nossa Senhora, que lhe tinha parecido estarem tão tristes.*

Um dia, perguntei-lhe: — Francisco, tu de que gostas mais, de consolar a Nosso Senhor ou de converter os pecadores?

— Gosto mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora ainda no último mês se pôs tão triste quando disse que não ofendessem mais a Nosso Senhor, que já está tão ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores para que não O ofendessem mais.

Lembrando-se que o pecado magoa o Senhor, exclamava:

— «Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum».

Continua Lúcia: «Poucos dias depois da primeira aparição de Nossa Senhora, ao chegar à pastagem, subi a um elevado penedo e disse-nos:

— Vocês não venham para aqui. Deixem-me estar sozinho.

— Está bem. E pus-me com a Jacinta atrás das borboletas, e nem mais o Francisco nos lembrou. Chegada a hora da merenda, demos pela sua falta e lá fui a chamá-lo: — Francisco, não queres vir a merendar?

— Não. Comam vocês!

— E a rezar o terço?

— A rezar o terço vou. Torna-me a chamar.

Quando voltei a chamá-lo, disse-me:

— Venham vocês a rezar aqui para o pé de mim.

Subimos para cima do penedo, onde mal cabíamos os três de joelhos e perguntei-lhe:

— Mas que estás tu aqui a fazer há tanto tempo?

— Estou a pensar em Deus que está tão triste por causa de tantos pecados! Se eu fosse capaz de lhe dar alegria!

Quando Lúcia se mostrava triste o Francisco procurava animá-la:

— «Deixa lá! Não disse Nossa Senhora que íamos ter muito que sofrer para reparar a Nosso Senhor e o seu Imaculado Coração de tantos pecados com que são ofendidos? Eles estão tão tristes! Se com estes sofrimentos os pudermos consolar, já ficamos contentes!»

Quando a vidente resolveu não voltar à Cova da Iria receando que as aparições fossem obra do demónio, o Francisco aconselha-a:

— «Mas que tristeza! Deus já está tão triste com tantos pecados e agora, se tu não vais, fica ainda mais triste. Anda, vai!»

Outras vezes dizia-lhe:

— «Gosto tanto de Nosso Senhor! Mas olha, Ele ainda estará tão triste? Eu ofereço-Lhe todos os sacrifícios que posso arranjar».

Realmente o Francisco para consolar a Nosso Senhor oferecia muitos sacrifícios, sobretudo na doença.

Durante esta, Lúcia às vezes perguntava-lhe: — Sofres muito?

— «Bastante, mas não importa. Sofro para consolar a Nosso Senhor...»

Um dia perguntei-lhe: — Francisco, sentes-te muito mal?

— Sinto, mas soffro para consolar a Nosso Senhor.

Ao entrar a irmãzinha no seu quarto, disse-nos:

— Hoje falem pouco, que me dói muito a cabeça.

— Não te esqueças de oferecer pelos pecadores — recomendou a Jacinta.

— Sim, mas primeiro ofereço para consolar a Nosso Senhor e a Nossa Senhora».

Outra vez, disse à Lúcia:

— «Sinto-me pior. Já me falta pouco para ir para o céu. Lá vou consolar muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora».

Na véspera de morrer disse à Lúcia:

— «Olha, estou muito mal. Já me falta pouco para ir para o Céu.

— Então vê lá, não te esqueças

A «AVE-MARIA DO PAPA»

EM Março do ano passado, foi internado numa clínica de Gerona, Espanha, um senhor chamado Santiago Ruiz, ferroviário, atingido por um mal incurável.

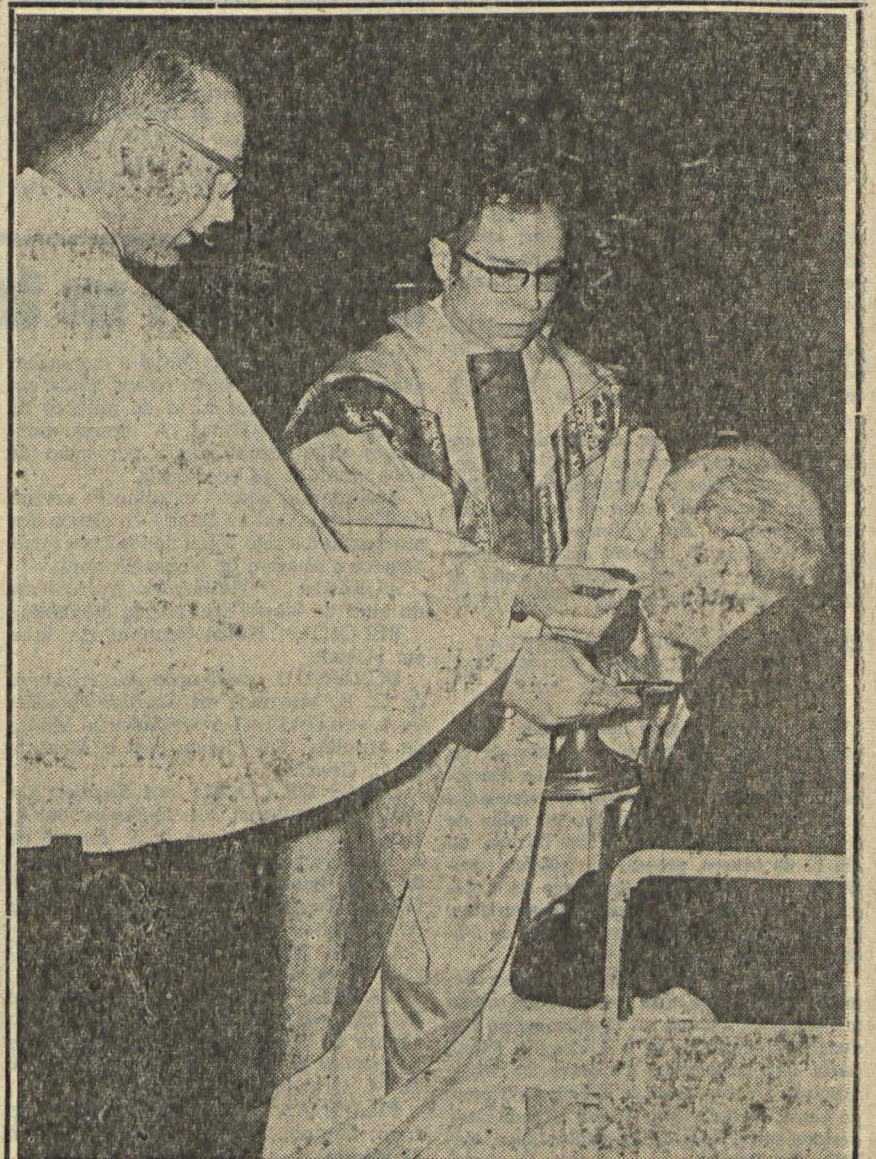
A enfermeira que tratava do operário pensou que seria oportuno adverti-lo do perigo em que se encontrava e convidá-lo a receber os sacramentos. O homem, a princípio, escarneceu, mas depois disse claramente que não sabia nem sequer como confessar-se, pois havia muito tempo que o não fazia. Acrescentou que nem mesmo se recordava de qualquer oração, a não ser da «Ave-maria do Papa».

A enfermeira perguntou-lhe o que era a «Ave-maria do Papa». E o velhote respondeu que era a oração transmitida diariamente ao meio-dia pela Rádio espanhola na própria voz do Papa e o som dos sinos da Basílica de S. Pedro em fundo. Ouvindo a Rádio, todos os dias, ele tinha aprendido aquela oração — o *Angelus Domini* —, chegando até a imitar perfeitamente a voz do Papa. E perguntou com emoção se isto bastaria para poder confessar-se.

A enfermeira correu à procura dum sacerdote que confessou o ferroviário e lhe deu como penitência a «Ave-maria do Papa».

O Sr. Santiago Ruiz não só recitou uma vez aquela oração, mas continuou a fazê-lo frequentes vezes, imitando a voz do Sumo Pontífice, até ao momento em que, extinguindo-se as augustas palavras, entregou a sua alma a Deus.

Não deixemos perder o santo hábito de recitarmos diariamente as «ave-marias» em honra da Santíssima Virgem. Um verdadeiro devoto de Maria tem assegurada a salvação.



O Sr. João Carreira — o «Ti João da Capelinha» —, aleijado de nascença e de quem a vidente Lúcia falou a Nossa Senhora em 1917, movendo-se numa cadeira de rodas, recebe a Comunhão, durante as cerimónias da peregrinação de 13 de Fevereiro último.

de lá pedir muito pelos pecadores, quando vir a Nosso Senhor e depois pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta.

— Sim, eu peço, mas olha, essas coisas pede-as antes à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer